

**Tempo Bom, Tempo Ruim:
identidades, políticas e afetos**

Good Time, Bad Time:
identities, policies and affections

Tempo Bueno, Tempo Malo:
identidades, políticas y afectos

Bon Temps, Mauvais Temps:
identités, politiques et affections

Fábio Ortolano

fabio.ortolano@usp.br

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política e pesquisador do Grupo de estudos e pesquisas em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Obra: Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e afetos.

Autor: Jean Wyllys

São Paulo: Paralela, 2014.

189 páginas.

ISBN: 978-85-65530-64-4

O livro “Tempo bom, tempo ruim”, de Jean Wyllys, apesar de não ser apresentado como uma obra de Psicologia Política, pode representar um material para iniciantes nesse campo de estudo. O autor fala de sua formação enquanto sujeito político e acerca de temas polêmicos em pauta no cenário nacional e internacional, entre outros, casamento igualitário e legalização da produção e distribuição de drogas ilícitas.

Constitui-se, portanto, uma obra de recorte psicopolítico, uma vez que traz à baila subjetividades produtoras do político. Quanto à autobiografia, lembramos

Resenha

que para Silva (2012) tal tema, as biografias, autobiografias e psicobiografias podem ser objetos de estudos para psicologia política, apontando ele estudos como de Victor de Britto e Ricardo Salas Edwards, que buscavam entender os motivos privados que levavam as lideranças à vida pública.

Silva (2012) também aponta a importância das políticas públicas como objeto de estudo para a psicologia política, quando associadas aos movimentos sociais. E Jean Wyllys traz uma série de temas reivindicados por movimentos sociais que pretende transformar em políticas públicas.

O livro não é neutro, é político em cada linha. Desse modo Sabucedo (1996) defende a Psicologia Política, como um campo de estudo que prime por uma responsabilidade junto ao leitor. E a discursividade pontuada em suas páginas certamente é produtora de realidade, conforme nos relata Spink e Medrado (1999).

O autor divide o livro em duas partes: “tempos de vida”, com dezessete textos nos quais ilustra como se funda enquanto sujeito político em suas lutas desde a infância à representação em esfera pública e nacional; e “tempos de luta”, com vinte e cinco artigos independentes em seus temas, mas concatenados por uma racionalidade atrelada à defesa dos direitos humanos e à posição política de esquerda que define em um dos textos.

Na primeira parte podemos identificar como se desenvolvem as lideranças em suas experiências subjetivas, na obra o autor faz uma autobiografia que nos revela como se constituem as lideranças a partir de suas vivências e relação com aqueles que representam. Já na segunda parte, nos possibilita refletir sobre temas da atualidade e seus embates no cenário político. Sendo assim, ambas as partes representam objetos de estudo para a Psicologia Política. Para Silva (2012), tal campo se configura interdisciplinar e nos dá a possibilidade de aprofundarmos em diversos assuntos que envolvem o subjetivo e o político, a constituição das emoções e da política. Não à toa, como nos coloca o autor, a obra trata de política e afetos.

Jean Wyllys nasceu em 1974, em Alagoinhas, no interior do estado da Bahia. É jornalista e mestre em literatura e linguística, tendo trabalhado na área de jornalismo e como professor universitário e, em 2005, participou de um *reality show*, o *Big Brother Brasil*, da rede Globo, sendo o vencedor da edição com 55% dos votos¹, conferindo mais elementos interessantes à psicologia política, como o carisma. Em 2012 foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro, onde reside desde 2005. É um dos parlamentares mais atuantes na Câmara, o que lhe conferiu, em 2013, o prêmio *Congresso em Foco* como o deputado que melhor representou a população brasileira. Filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), tem se dedicado, dentre outras bandeiras, aos direitos de minorias, como os LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), à regulamentação das drogas e da atividade dos profissionais do sexo, ao marco civil para internet e à reforma política. Temas estes que o autor trata na obra que discutimos.

Em “tempos de vida”, o autor nos fala sobre sua infância na cidade interiorana da Bahia, escreve acerca da superação da pobreza e do acesso aos direitos, como a educação, vista e apontada por ele como meio de ascensão social. Mostra como se moldam os arranjos sociais em locais onde não impera a lógica burguesa da individualidade, ao falar das trocas entre os vizinhos. Comenta sobre o processo de transformação do espaço e dos sujeitos com o tempo, quando ambos se constituem mutuamente. Carlos (2001) nos diz que a produção do homem e a produção do espaço estão imbricadas, os dois se constituem nos processos históricos.

¹ Dado obtido na página do programa. Disponível em: <<http://bbb.globo.com/BBB5/0,24118,NBO939142-4051,00.html>>.

Wylls nos conta da transformação em subúrbio da região rural onde nascera e do destino de vários meninos pobres, como o abandono, o uso das drogas e a vulnerabilidade ante a violência.

Jean Wylls traz uma série de elementos alusivos às experiências que não são apenas suas, mas de muitos interioranos, baianos, brasileiros, etc.; e das minorias que defende, como a de LGBT e de pessoas que não compartilham de uma crença hegemônica. As realidades e fatos em comum com os interlocutores é o que lhe garante a identidade junto a quem dirige a palavra. Assim, lhe comina a representação e o carisma. Diz ele que o propósito do escritor Jorge Amado, seu conterrâneo de estado, era servir seu povo. Certamente, por espelharmo-nos em nossos ídolos, refletimos o que são e fazem.

Essas experiências com identificações com o outro, individual e coletivo, nos apontam como as lideranças se afirmam em dado meio, quando estas organizam seus discursos aos seus interlocutores. Os líderes falam a quem querem que os escutem. Agustín Alvarez, deputado pela província de Mendoza aos finais do século XIX, na Argentina, em seu ensaio de psicologia política “South América”, nos fala de como os líderes constroem seus discursos e o que as palavras conferem. Para ele, *o êxito das palavras não depende do que existe no espírito do orador, mas no do ouvinte* (Alvarez, 1894:95, tradução nossa). Desse modo, Wylls escreve sobre os temas que lhe atravessam enquanto sujeito político.

Ao falar de sua religiosidade e da formação do ser – animal, como define – político, o autor comenta sua experiência nas comunidades eclesiais de base, o contato com a Teologia da Libertação e experiência nas pastorais da juventude. Para ele, em seu amadurecimento, não deixou a religiosidade por já estar cristalizada em si e na cultura a qual pertence e isto também o localiza em uma tradição de militância. Abdicou da religião, quando esta não respondia aos seus ideais de igualdade e justiça. Jean relata que esse foi seu primeiro contato com a política, alinhando-se ao que nos diz Alvarez (1894) que as religiões, antes de qualquer coisa, são um meio de governo.

O autor narra, didaticamente, como se constitui enquanto homem homossexual, pontuando como significamos as categorias de sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Não problematiza a lógica binária da sexualidade e do gênero, como nos propõe a Teoria *Queer*, a partir da qual incluiríamos as fronteiras, as múltiplas e incontáveis formas de manifestar e expressar a sexualidade e o gênero, como nos afirmam Butler (2003) e Louro (2008). A perspectiva que aborda em sua obra e atuação no parlamento brasileiro abre espaço a críticas de seu posicionamento é assimilacionista no que tange à causa LGBT, ou seja, preconiza a assimilação da cultura dominante pelas minorias. A exemplo, a proposição do projeto de lei que altera o Código civil e reconhece o casamento e união estável entre pessoas do mesmo sexo e o projeto de lei “João W. Nery, para o reconhecimento da Identidade de Gênero de pessoas trans, em que, nos dois casos, os sujeitos contemplados buscam enquadrar-se aos modelos normativos.

Apesar das possíveis críticas, há subjetividades em jogo, o desejo de cada indivíduo em reproduzir, manifestar e afirmar ou não os modelos hegemônicos; e não há como dimensionar os interesses particulares na ação política. Entendemos o autor e o próprio subtítulo da obra já nos diz da racionalidade de sua obra: identidades, políticas e afetos. Ao que nos parece, é preciso, primeiramente, demarcar as identidades ilegítimas para que, talvez num futuro, transcendamos os limites que nos impomos e transitemos nas fronteiras que nos apontam Butler (2003) e Louro (2008).

O capítulo “Falar às massas” pode ser um ponto de partida aos interessados num dos grandes temas para Psicologia Política, a comunicação de massa, e consequentemente, a persuasão dos ouvintes, telespectadores, etc. Wyllys desmitifica a mídia como um espaço apenas para os discursos hegemônicos, citando, inclusive, a maior organização midiática do país como um campo de disputa, em que não apenas conversadores se enfrentam e que, portanto, é um lugar para estar e plantar sementes. Podemos entender que sua relação com a mídia, sobretudo com a emissora que aborda em sua obra, esta atravessada por sua experiência em participar de um programa transmitido pelo grupo de comunicação, e não seríamos ingênuos em crer na imparcialidade. Nesses anos de representação no congresso, várias vezes o deputado apareceu em programas televisivos. Contudo, acreditamos que, não haveria sentido negar os dispositivos que lhe são oportunos para afirmar o trabalho que desenvolve no Congresso.

Nesse sentido, ao tratar do “falar às massas”, o autor relata o impacto das novelas nas representações sociais brasileiras, mostrando como estas estão influenciadas e são produtoras de nossa cultura. Quanto ao BBB, Jean fala que os programas influenciam a mentalidade da população, produzindo conceitos e opiniões, tanto que a partir do programa, o público, ao se identificar com sua história, o tornou ganhador do prêmio e, cinco anos mais tarde, o elegeu deputado.

E assim, por toda a obra, podemos observar como o autor produz o seu discurso, demarcando posicionamentos claros às questões polêmicas em nossa conjuntura. Agustín Alvarez (1894) e Jean Wyllys, apesar do tempo e lugar que os separam, trazem, ambos, em suas falas a sabedoria acadêmica junto à objetividade de suas atuações, e apontam aos seus leitores. Certamente a prática política, enquanto representantes no Estado, lhes atribui uma práxis para um cotidiano de tempo bom e tempo ruim, como diz o segundo autor.

Em “Tempos de luta”, Jean Wyllys traz algumas reflexões sobre temas em voga na contemporaneidade, ao nosso entendimento, todos associados aos direitos humanos e aos conflitos para sua efetivação. O autor parece alinhar-se a uma nova concepção de sociedade, a qual, segundo Bobbio (2004), emerge da revolução francesa e lê o todo pelas suas partes, por isso as políticas identitárias, o reconhecimento de minorias e as novas gerações de direitos, num momento em que cada indivíduo é, pelo menos em tese, titular de todos os direitos, podendo reivindicá-los.

Wyllys discorre sobre as lições de Stonewall para o movimento LGBT (Silva, 2008), quando um fato se torna um marco para a produção de uma memória coletiva. E também sobre um imaginário social, quando o autor fala que não fizemos o luto suficiente pelas ditaduras que vivemos, quando cidadãos continuam sendo torturados; tampouco o luto do colonialismo, cuja herança foi a escravidão que se perpetua hoje, reforçada pelas representações simbólicas, na subalternidade dos negros.

Para ele, os direitos humanos são inatos à pessoa e têm sua historicidade, sendo papel das democracias, na atualidade, protegê-los. Contudo, segundo o autor, a conquista desses direitos não se efetiva sem a luta pelo reconhecimento social. E por isso, traz as bandeiras de suas lutas.

Aborda o casamento igualitário, a homofobia e sua criminalização, a invisibilidade e orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais como formas de proteção e promoção dos direitos humanos. Assim, pontua os embates que se impõem a todos esses temas no Congresso e no dia a dia. Escreve sobre o fundamentalismo religioso, a proposta de

cura gay, o retorno do fascismo e a ascensão dos discursos de ódio nas redes sociais e nas mídias.

Wyllys trata da menoridade penal, discordando que seja uma solução para redução da criminalidade. Acredita na legalização e regulamentação da produção e distribuição de drogas atualmente ilícitas no país e na descriminalização de seu consumo como mecanismos de enfrentamento ao narcotráfico e à violência associada ao comércio ilegal. Defende a regulamentação da atividade dos profissionais do sexo, com vistas ao combate da exploração sexual e erradicação da marginalização.

Ao final, o autor trata do dilúvio da desinformação, cuja resposta é a vida com pensamento. E assim, numa obra de leitura agradável e palatável, o escritor, professor e político brasileiro, dirige-se àqueles que representa ou não, concluindo que não basta apenas almejar as mudanças pelos desejos, mas que é preciso uma sabedoria que demanda esforços, dedicação e comprometimento, próprios de uma participação política ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarez, Agustín., & Nelson, Ernesto. (1918). *South América: ensayo de psicología política*. Buenos Aires: La Cultura Argentina (Originalmente publicado em 1894).
- Bobbio, Norberto. (2004). *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Butler, Judith. (2003). Sujeitos do sexo / gênero / desejo in *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade* (Renato Aguiar, trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carlos, Ana Fani Alessandri. (2001). *Espaço – tempo na metrópole*. São Paulo: Contexto.
- Louro, Guacira Lopes. (2008). *Um corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sabucedo, José Manuel Comeselle. (1996). *Psicologia Política*. Madrid: Sintesis.
- Silva, Alessandro Soares da. (2008). *Luta, Resistência e Cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT*. Curitiba: Juruá.
- Silva, Alessandro Soares da. (2012). *Psicologia Política, Movimentos Sociais e Políticas Públicas*. Tese de Livre Docência. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Spink, Mary Jane., & Medrado, Benedito. (1999). Produção de sentidos no cotidiano uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas. Em Mary Jane Spink (Org.), *Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano* (pp. 41-62). São Paulo: Cortez.

• Recebido em 14/03/2014.

• Aceito em 27/04/2014.